



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i3.1423>



## Apresentação ao dossiê “História oral: questões indígenas”

Juciene Ricarte Cardoso Tarairiú\*

ORCID iD 0000-0003-1142-7133

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

O dossiê “História oral: questões indígenas” é um mergulho nas vivências e relações interétnicas nos espaços/natureza e ancestralidade dos depoentes com pautas culturais e identidades étnicas. Povos originários que nos primeiros dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) chegaram a 1.693.535 pessoas, o que representa 0,83% do total de habitantes brasileiros.

Quem conhece a história dos povos indígenas no Brasil tem plena consciência que muitos dos nossos grupos étnicos, desde o século XVI até os dias atuais, sofreram escravização, dizimação, migrações forçadas para biomas diversos, foram obrigados a atravessar fronteiras territoriais criadas imagneticamente e politicamente pelos não indígenas ao fugirem das invasões violentas dos não indígenas em diferentes contextos históricos até os dias atuais (Apolinário, 2022, p 19). No entanto, soubemos e sabemos enfrentar nossos inimigos, construindo processos históricos de agenciamentos e até acomodações necessárias às sobrevivências coletivas. Revisitar nossos passados em situações de contatos com sociedades e instituições não indígenas é antes de tudo conquistas de direitos à história e à memória que devem ser cada vez mais divulgadas nos espaços escolares brasileiros incluindo as universidades, que teimam em silenciarnos nas escritas das histórias extremamente colonialistas e eurocentradas nas suas bases epistemológicas.

---

\* Professora doutora autodeclarada indígena. Possui graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), doutorado em História pela UFPE com Bolsa da CAPES no Brasil e no Exterior (Universidade do Porto, Portugal) e pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa, Portugal com Bolsa CAPES, Estágio Sênior no Exterior. E-mail: apolinarioju18@gmail.com.

Enfrentamos no passado e no presente novas territorializações também no campo da História, todavia soubemos construir instrumentos de reafirmações étnicas que são a força das nossas cosmovisões, consubstanciadas em nossas oralidades que fortalecem nossos grupos étnicos. Memórias e oralidades fundamentais nas ressignificações das nossas histórias étnicas que baseiam e nos fortalecem enquanto povos ricamente diferenciados (Apolinário, Amorim, 2021, p. 20). Não obstante, nossos saberes e narrativas cosmológicas são essenciais nos processos de resistências e emergências étnicas na contemporaneidade, mas também nas emergências diferenciadas nos paradigmas das produções historiográficas. Há uma tendência mundial nos estudos sobre sociedades ditas sem escrita, realçando seu significado como visão alternativa à história oficial. “Essa nova legitimidade do oral coadunava-se com uma indagação sobre a percepção indígena da história, e, portanto, da abertura ao que poderia se chamar de 'historicidades outras', não necessariamente em acordo com os padrões heurísticos ou cronológicos da historiografia acadêmica” (Saez, 2005, p. 33).

A História Oral nas últimas décadas se tornou um importante instrumento para nós povos indígenas, já que sua metodologia permite que nossas vozes ecoem enquanto indivíduos/coletivos e sujeitos de direitos, inclusive à “HISTÓRIA” e ao mesmo tempo constrói uma dinâmica de travessias de fronteiras interétnicas entre historiador/entrevistador não indígena e depoente/colaborador indígena. O pesquisador quando não indígena tem que mergulhar em narrativas que tratam de um tempo passado/futuro ancestral em cosmovisões ditas no presente. É um rico deslocamento que exigirá uma compreensão e sensibilidades interdisciplinares (Sandor, 2012, p. 17).

Ao se mergulhar em um diálogo intercultural é preciso estar aberto/aberta a um processo de ressignificação cultural e epistêmico, é necessário “*aprender, desaprender e reaprender*”. Assim, para construirmos caminhos de revisitar o passado ancestral através da história oral é preciso, antes de tudo, permitir que o próprio grupo possa apontar os caminhos de entendimento de sua historicidade, uma vez que, sem essa permissão, estaremos não só calando a voz originária, impedindo que eles possam ser protagonistas de sua própria história de vida, como também reproduzindo um discurso colonialista, que reprime, aprisiona e/ou elimina (Mussi, 2002, p. 75).

Como muito bem evidenciou Ananda Machado, a história oral utiliza questões metodológicas que, incluindo o desafio da tradução cultural e linguística no processo de coleta de narrativas, criam caminhos interpretativos inimagináveis. “Há tensão entre o uso do português e das línguas indígenas, das políticas de línguas, das formas de interferência no destino dos povos indígenas. Isso faz-nos perceber como é importante produzir textos históricos sobre esse conflito” (Machado, 2016, p. 92). Mesmo as técnicas da história oral, em muitos casos no processo de pesquisa, foram consubstanciadas pelas riquezas, pelas situações vividas nas travessias das fronteiras interétnicas entre pesquisador e colaborador indígena.

O presente dossiê nos proporciona ricas leituras em trabalhos de pesquisas

interdisciplinares com destaques narrativos das experiências dos indivíduos indígenas no contexto das suas histórias e memórias coletivas. Dossiê que vem dar corpo a uma nova historiografia sobre as nossas histórias indígenas e indigenistas cada vez reveladoras dos protagonismos de homens e mulheres originários na contemporaneidade, mas sem perder as marcas das histórias ancestrais que não são pautadas em linhas tênues de tempo colonialista, como se convencionava em uma prática corrente da pesquisa histórica, mesmo se tratando de história oral.

A assertiva acima é perceptível já no primeiro artigo “*Mẽ ujarẽj*: narrativas de luta e resistência mẽbêngôkre (kayapó) pós-contato”, de Michelle Carlesso Mariano, é um mergulhar nos processos dinâmicos de territorialização e mobilização social mẽbêngôkre (kayapó) a partir da cultura, identidade e memória do grupo. Através da história oral e da história de vida, a autora permite ao leitor um mergulho em um relato dos últimos setenta anos, desde o contato com o não indígena, através das memórias ancestrais de Bedjai Txucarramãe, com enfoque nos enfrentamentos pelo território e nas práticas de medicina tradicional, temas centrais para compreendermos a visão de mundo, as estratégias de (sobre) vivência e a atualidade dos temas abordados sobre questões indígenas. Parte-se de uma descrição e análise do território, material e simbólico, e dos processos de territorialização entendidos como “modos de estar”.

No segundo artigo do dossiê, intitulado “História e tradição oral na perspectiva indígena: uma introdução ao pensamento de Népia Mahuika”, os autores Carla Simone Rodeghero e José Augusto Balbinot Zorzi constroem uma análise historiográfica da obra *Rethinking oral history and tradition: an indigenous perspective (Repensando história oral e tradição: uma perspectiva indígena)*, do historiador Maori e neozelandês Népia Mahuika, publicado em 2019 pela Oxford University Press e ainda sem tradução para o português. O livro ressignificado pelos autores revela caminhos teóricos e metodológicos para a escrita das Histórias Indígenas, no que concerne à utilização da tradição oral como fonte de pesquisa histórica. Para tanto, os autores contextualizam os debates em torno da oralidade e historicidade discutidos por Mahuika, permitindo caminhos ao pensamento acadêmico a partir da experiência e das perspectivas das comunidades indígenas, dialogando com a literatura das disciplinas de história oral e tradição oral.

Em “Cacos da memória: bricolagem intercultural na Comunidade Buçu”, Danilo Gustavo Silveira Asp, informando que agricultores do Buçu (Augusto Corrêa, Pará) encontraram na sua região cacos de cerâmica indígena decorada, associados a fragmentos ósseos de origem humana – portanto, objetos mortuários de enterramento ritual, provavelmente pré-colombianos. As particularidades do relato espontâneo e a natureza peculiar do “achado fortuito” permitiu que Silveira mergulhasse na história oral e através de uma rica pesquisa interdisciplinar dialogando com a História, Antropologia e Arqueologia. Com esses instrumentos epistêmicos pode remontar os cacos do passado ancestral da etnohistória da Comunidade Buçu, especialmente das famílias camponesas-ribeirinhas buçunianas, enquanto construções plenamente

interculturais, forjadas sob camadas de um caldeamento interétnico secular.

Em “Floriza de Jorge, rezadores kaiowa: história oral testemunhal”, Leandro Seawright e Lucas Maceno destacam as narrativas indígenas resultantes de entrevistas de história oral testemunhal realizadas com Floriza e Jorge, casal xamã pertencente ao povo indígena Kaiowa. Nele, centraliza-se a memória de expressão oral Kaiowa como razão de ser de projetos com indígenas. Ao se definir a história oral em sua modalidade aplicada, promove-se a análise tópica com base em três argumentos de cada história narrada. Duas seções nucleares compostas pelos respectivos nomes dos rezadores constituem o *corpus* analítico que evidencia vínculos de memória compartilhados a partir do tônus testemunhal inerente às falas do casal.

A pesquisadora Juliana Schneider Medeiros vem nos premiar com seu artigo intitulado “A escola do Serviço de Proteção aos Índios entre os Kaingang: uma análise sobre a metodologia da história oral indígena”. É um mergulhar na história oral indígena, com base em uma pesquisa sobre a escola do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) entre os Kaingang do Rio Grande do Sul. A autora busca compreender como a escola instituída a partir da política indigenista do SPI se concretizou entre os Kaingang. Uma pesquisa estruturada em diferentes depoimentos de Kaingang com a participação direta de *kófa* (velhos) narradores privilegiados em toda a operação historiográfica de Juliana que os consideram coautores da sua pesquisa e não somente colaboradores. Nas narrativas de indivíduos Kaingang, a autora percebe sentimentos de nostalgia e uma consciência histórica sobre o papel da escola indígena em tempos de SPI se deparando com visões dicotômicas entre narrativas positivas dos mais velhos e a perspectiva negativa dos seus descendentes.

Através de caminhos interdisciplinares, os artigos acima destacados permitem análises transversais e êmicas das questões indígenas amparados na história oral. Ou seja, recolocam no presente as problemáticas do passado, permitindo uma maior compreensão dos contatos e práticas políticas e culturais indígenas nas travessias das fronteiras interétnicas entre passado, presente e futuro ancestral.

## Referências

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Reflexões e ressignificações: os povos indígenas nos 200 anos da Independência. *Cult*, São Paulo, n. 285, set. 2022.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte, AMORIN, Maria Adelina. Multiplicidades de análises, escritas e aportes teóricos metodológicos sobre a História Indígena no Brasil. *Revista História*, São Paulo, v. 40, 2021.

MACHADO, Ananda. *Kuadpayzu, Tyzytabá'u nà'ik Marynau*: Aspectos de uma História Social da Língua Wapichana em Roraima (1932-1995). Tese (Doutorado em História) – Dinter UFRJ/UFRR, Rio de Janeiro, RJ; Boa Vista, RR, 2016.

MUSSI, Vanderléia Paes Leite. História oral: uma proposta metodológica em parceria com os índios Terena em Campo Grande-MS. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v. 17, n. 2, p. 75-84, ago./dez. 2002.

SAEZ, Oscar Calavia. A terceira margem da história: estrutura e relato das sociedades indígenas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 57, p. 39-51, fev. 2005.